Imagem cigana Esmeralda

No fim de uma tarde dourada, numa pequena vila cercada de árvores antigas e cercas de madeira, a Cigana Esmeralda havia parado sua carroça para descansar. Era conhecida por passar de lugar em lugar levando músicas, histórias e pequenos truques de ilusionismo que encantavam crianças e adultos. Naquele dia, porém, ela parecia cansada e sentou-se perto de um velho poste no quintal de uma casa simples.

Ali morava um menino curioso, de imaginação sem limites. Ele já havia observado Esmeralda em outras tardes e ficava fascinado quando ela contava aventuras sobre reis, desertos e tesouros escondidos. Mas o que mais chamava sua atenção era a forma como ela transformava qualquer objeto simples em parte de uma grande fantasia.

O menino carregava uma corda usada para brincar de laço e puxar latas pelo terreiro. Aproximou-se timidamente e perguntou:

— Dona Esmeralda... a senhora já foi capturada por piratas?

Ela sorriu de leve, entendendo a imaginação dele.

— Muitas vezes... e sempre escapei.

Os olhos do garoto brilharam. Então pediu:

— Posso brincar de ser o guarda que prende a rainha cigana?

Esmeralda percebeu que era apenas uma encenação infantil. Concordou com uma condição:

— Só se for uma prisão de mentira... e depois você me solta para eu fugir com dignidade.

O menino, concentrado como quem cumpre missão importante, passou a corda ao redor do poste e da cintura dela, com nós frouxos e desajeitados. Para ele, aquilo era uma fortaleza inexpugnável. Para ela, apenas uma brincadeira inocente.

Quando terminou, deu alguns passos para trás e admirou sua obra. A “prisioneira” baixou a cabeça dramaticamente, como atriz de teatro, enquanto o sol se punha atrás da casa.

— Agora diga sua última fala! — ordenou

ele. Esmeralda ergueu o rosto e declarou:

— Nenhuma prisão segura quem nasceu para seguir estrada.

Em seguida, soltou facilmente o nó, girou a saia roxa no ar e saiu correndo pelo quintal, enquanto o menino ria e tentava alcançá-la, fingindo ser guarda derrotado.

Desde então, toda vez que a carroça de Esmeralda voltava à vila, ele aparecia com uma nova corda e uma nova aventura pronta. E ela, paciente e divertida, aceitava ser rainha, feiticeira, bandida ou prisioneira — porque sabia que algumas brincadeiras simples viram memórias para a vida inteira.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre representações aceitáveis de crianças e adolescentes. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre violência. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Na próxima sessão da brincadeira, o menino apareceu ainda mais inspirado. Trazia consigo pedaços de madeira, um lençol velho e caixas vazias que havia juntado no quintal. Com grande seriedade, anunciou:

— Hoje não basta prender a rainha cigana no poste... agora haverá uma cela secreta!

A Cigana Esmeralda riu ao ver a dedicação do pequeno cenógrafo. Juntos, transformaram um canto do quintal em uma “prisão” de faz de conta: duas tábuas serviam de grades, o lençol era o teto, e uma caixa virada fazia o banco da cela real.

Ele então declarou as regras do jogo:

— A senhora foi capturada por roubar estrelas do céu!

Esmeralda levou a mão ao peito, fingindo espanto.

— Injustiça! Apenas peguei algumas emprestadas para iluminar a estrada!

O menino conduziu a “prisioneira” até a cela improvisada, onde ela entrou dramaticamente, sentando-se como uma rainha exilada. Depois, ficou de guarda do lado de fora com um graveto que imaginava ser espada.

Mas a cigana conhecia todos os segredos da imaginação. Em poucos minutos começou a cantar baixinho, inventando histórias de desertos e caravanas encantadas. O guarda mirim foi se distraindo, sentou-se perto da porta e logo passou a ouvir atento cada palavra.

Quando percebeu, a própria cela já havia virado palco, e a prisioneira, contadora de aventuras.

No final, o menino abriu a “porta” e anunciou:

— Está livre... mas só se voltar amanhã para outra missão!

Esmeralda fez uma reverência com a saia roxa e respondeu:

— Toda grande rainha sempre retorna ao seu reino.

E assim a velha prisão de madeira virou apenas mais uma lembrança feliz de uma tarde inventada.

A imagem retrata uma cena claramente fantasiosa e teatral, com atmosfera sombria e cinematográfica. No centro aparece uma mulher caracterizada como Cigana Esmeralda,

vestindo roupas vermelhas e saia roxa, sentada dentro de uma cela improvisada feita de galhos ou madeira rústica, como se estivesse encenando uma prisão simbólica.

Ao redor da estrutura há elementos cenográficos e decorativos: placas com frases de protesto e liberdade, penas, cordas, pinturas nas paredes, velas e objetos simbólicos. A iluminação baixa e quente cria um clima dramático, quase de espetáculo ou instalação artística.

Em vez de parecer uma prisão realista, a composição transmite a ideia de performance visual, narrativa imaginária ou metáfora sobre resistência, identidade e liberdade. É uma cena construída para contar uma história, não um registro documental.

Na tarde seguinte, o menino surgiu com outra ideia tirada do seu vasto reino de imaginação. Carregava um pedaço de madeira como se fosse espada, um chapéu velho

torto na cabeça e um saco cheio de pequenas bolinhas de barro seco e sementes.

— Hoje haverá julgamento! — anunciou com voz solene. — E depois... fuzilamento!

Esmeralda arqueou a sobrancelha, divertida.

— Fuzilamento? Isso parece muito sério para alguém que ainda perde corrida para galinhas.

Ele endireitou a postura.

— São balas de mentira! Bolinhas mágicas que não machucam ninguém.

A Cigana Esmeralda aceitou participar da nova encenação. O menino amarrou frouxamente uma corda ao redor de sua cintura junto ao velho poste, como de costume, enquanto ela fingia ser uma famosa fora da lei capturada por roubar risadas do mundo.

Depois, reuniu três gravetos fincados no chão, chamando-os de “pelotão oficial”. Alinhou-se diante dela e, com toda solenidade possível, gritou:

— Preparar! Apontar! Atirar!

Em vez de tiros, lançou no chão algumas bolinhas que quicaram desajeitadas, espalhando-se pelo terreiro. Uma acertou o próprio pé dele, outra foi parar perto do balde, e uma terceira sumiu no mato.

Esmeralda levou a mão ao peito e fez a maior atuação de sua vida:

— Ah! Fui vencida pelas terríveis balas redondas do destino!

Deslizou dramaticamente até se sentar no chão, fechando os olhos como atriz de teatro. O menino tentou manter a seriedade por dois segundos, mas caiu na gargalhada.

Logo depois, aproximou-se e sussurrou:

— A senhora pode reviver

agora. Ela abriu um olho e

respondeu:

— Só se a justiça me pagar um copo d’água.

Ele correu buscar água num caneco, e assim a condenada voltou à vida oficialmente. Minutos depois, os dois já brincavam de outra coisa, porque no quintal deles toda sentença durava pouco e toda tragédia terminava em riso.

Na tarde seguinte, o menino apareceu com mais uma ideia dramática tirada das histórias

que inventava no quintal.

— Hoje teremos o capítulo final! — anunciou. — A grande vilã será capturada e condenada!

Esmeralda cruzou os braços e respondeu com humor:

— Espero ao menos ter direito de defesa.

Como sempre, tudo era faz de conta. O poste virou torre do castelo, a corda serviu apenas como adereço solto ao redor da cintura, e um galho alto transformou-se em "patíbulo" imaginário. Nada era real — apenas cenário para a criatividade do garoto.

Ele leu uma sentença improvisada em voz alta:

— Acusada de roubar estrelas, sumir com moedas e enganar guardas!

— Tudo mentira — respondeu ela, sorrindo. — As estrelas vieram comigo por vontade própria.

No momento decisivo, porém, o menino mudou de ideia. Baixou a corda e disse:

— Não quero final triste. Melhor fugir da

prisão. Esmeralda aprovou imediatamente:

— Finalmente um juiz sábio.

Então ele soltou os nós simbólicos, e ela saiu correndo pelo quintal com a saia roxa ao vento, enquanto o menino a perseguia fingindo ser guarda atrapalhado. Em poucos segundos, a condenação virou corrida, a sentença virou gargalhada e o "castigo" terminou em brincadeira.

No quintal deles, até os finais sombrios acabavam virando aventura.

Na tarde seguinte, o menino voltou decidido a criar mais um capítulo grandioso para as aventuras do quintal.

— Hoje será o julgamento da feiticeira da estrada! — anunciou, trazendo gravetos, panos coloridos e um balde velho virado de cabeça para baixo.

Esmeralda sorriu ao perceber que vinha aí outra encenação.

Como sempre, a corda foi colocada de forma frouxa e simbólica ao redor da cintura, apenas como parte do cenário. O poste virou torre da praça, e no chão o menino montou uma "fogueira" de mentira: galhos empilhados, papéis coloridos em tons de vermelho e laranja balançando ao vento, e um punhado de terra seca levantado de leve para parecer fumaça limpa.

— Preparar a fogueira! — gritou ele, muito compenetrado.

Esmeralda fez cara de espanto teatral:

— Que injustiça! Nem me deixaram terminar meu chá encantado!

O menino circulou a cena como guarda importante, enquanto ela fingia nervosismo exagerado. Então o vento soprou mais forte, espalhando os papéis coloridos pelo quintal.

— A magia escapou! — ela exclamou.

Aproveitando a distração, soltou o nó simbólico em segundos, girou a saia roxa no ar e saiu correndo em volta da fogueira cenográfica. O menino tentou persegui-la, tropeçou no balde e caiu sentado, rindo sem parar.

No fim, os dois reorganizaram os galhos e transformaram a fogueira em fogão de acampamento imaginário, onde prepararam “sopa de nuvens” e “bolo de poeira dourada”.

Porque naquele quintal, até as cenas mais dramáticas sempre terminavam em risadas e invenções novas.

Desculpe, não posso ajudar a criar imagens de enforcamento ou execução.

Se quiser, posso ajudar a ↪ transformar essa cena em algo **teatral e simbólico**, por exemplo:

- ↪ Esmeralda escapando de um julgamento fictício
- ↪ Esmeralda diante de uma fogueira cenográfica de festa
- ↪ Esmeralda rompendo cordas e fugindo dramaticamente
- ↪ Cena de circo ou peça medieval de faz de conta

Se me disser o estilo que prefere, posso gerar uma versão segura e criativa.

FORA A OPRESSÃO!
VIVA A LIBERDADE!
A JUSTIÇA DOS HOMENS NÃO PRENDE A LIBERDADE DA ALMA

Depois dessa brincadeira junto à fogueira cenográfica, o menino, ainda cheio de energia e novas ideias, segurou a mão de Esmeralda e a levou para outro canto do quintal: um velho galpão de madeira atrás da casa, onde guardavam ferramentas, caixas vazias e objetos esquecidos.

Para ele, aquele lugar não era apenas um depósito — era um castelo abandonado, uma caverna secreta e quartel-general de mil aventuras ao mesmo tempo. Empurrou a porta rangendo e anunciou:

— Agora a senhora vai para o esconderijo dos guardas!

Esmeralda entrou com toda a solenidade, olhando ao redor como se examinasse um palácio antigo.

Dentro havia feixes de luz entrando pelas frestas, poeira dançando no ar e panos velhos pendurados que pareciam cortinas de teatro. O menino virou um caixote e disse:

— Aqui é seu trono... quer dizer, sua cela.

Ela sentou-se e respondeu:

— Nunca vi prisão tão elegante.

Em poucos minutos, o galpão deixou de ser prisão e virou salão de histórias. O menino trouxe uma lanterna para servir de tocha, e Esmeralda começou a narrar aventuras sobre desertos, caravanas e estrelas roubadas.

Quando a noite caiu de vez, a mãe do menino chamou da varanda. Ele correu até a porta e declarou:

— Amanhã continua!

Esmeralda levantou-se, ajeitou a saia roxa e saiu do galpão sorrindo, porque sabia que naquele quintal cada canto escondia uma nova aventura esperando para nascer.

Algum tempo depois, o menino teve uma ideia ousada: levar para fora do quintal as aventuras que vivia com Esmeralda. Queria transformar as velhas brincadeiras em espetáculo, e convenceu a cigana a acompanhá-lo até a praça pública da pequena vila.

Era fim de tarde quando chegaram. A praça estava cheia de gente voltando do trabalho, crianças correndo e vendedores arrumando barracas. No centro havia um coreto antigo e um grande poste de iluminação. O menino apontou para tudo aquilo com entusiasmo:

— Hoje o reino inteiro vai assistir!

Esmeralda riu e fez uma reverência exagerada.

— Então teremos de caprichar na apresentação.

Logo começou a encenação. O menino anunciava em voz alta as aventuras do dia, enquanto Esmeralda interpretava rainha capturada, feiticeira misteriosa, viajante perseguida ou heroína injustamente acusada. As cordas viraram apenas adereços soltos de teatro, os bancos da praça tornaram-se muralhas, e o coreto serviu de castelo.

As crianças logo se aproximaram e passaram a participar também. Umas fingiam ser guardas, outras mensageiras, outras jurados do reino imaginário. Os adultos observavam sorrindo, divertidos com a criatividade da dupla.

Quando chegava o momento dramático, Esmeralda sempre escapava de maneira espetacular: soltava os nós simbólicos, girava a saia roxa no ar e corria em volta da praça sob aplausos e gargalhadas.

Com o tempo, as tardes na praça viraram tradição. Sempre que Esmeralda aparecia, o menino já estava pronto com uma nova história. E o lugar comum da vila se transformava, por algumas horas, em palco onde a imaginação mandava mais que qualquer rei.

Durante os intervalos de um dia para outro, Esmeralda não ficava em nenhum presídio de verdade. Dentro da lógica das brincadeiras do menino, ela “sumia” para um lugar imaginário que eles chamavam de **Prisão das Mil Portas**.

Segundo a fantasia criada pelos dois, era uma antiga carroça encantada estacionada atrás do quintal, coberta por panos coloridos e lanternas apagadas. Por fora parecia apenas abrigo simples; por dentro, nas histórias deles, virava um presídio mágico onde nenhuma porta levava ao mesmo lugar duas vezes.

Num dia, a cela dava para um deserto cheio de dunas. No outro, abria para uma floresta de árvores azuis. Às vezes surgia uma escadaria para o céu, outras vezes uma biblioteca secreta onde todos os livros contavam aventuras da própria Esmeralda.

O menino sempre perguntava no dia seguinte:

— Dormiu bem na prisão?

E ela respondia com seriedade teatral:

— Quase fugi pela janela da lua, mas os guardas de vento me trouxeram de volta.

Na prática, era apenas a maneira divertida que encontravam para continuar a história entre uma tarde e outra. Assim, nenhuma aventura terminava de verdade — apenas ficava em pausa até a próxima sessão de imaginação.

Nas histórias e brincadeiras que vocês vêm criando, quando aparecia “amarrada” era apenas **de faz de conta**, como parte da encenação do menino e da Esmeralda. As cordas eram tratadas como adereços simbólicos, com nós frouxos e fáceis de soltar, sem intenção de machucar ou prender de verdade.

Ou seja: dentro da narrativa imaginária, ela às vezes fingia estar capturada para deixar a aventura mais dramática — e logo depois escapava, soltava os nós ou transformava tudo em risada e nova brincadeira.

O julgamento da Esmeralda em praça pública era uma grande encenação infantil, misturando teatro, humor e imaginação. O menino, sempre cheio de ideias, assumia o papel de juiz, promotor, guarda e mestre de cerimônias ao mesmo tempo. Bastava subir num banco da praça ou no coreto e bater um graveto no chão para anunciar:

— Está aberta a sessão do Grande Tribunal da Vila!

As pessoas ao redor logo percebiam que era brincadeira. Crianças se aproximavam para assistir, adultos paravam por curiosidade, e alguns até entravam no clima.

Esmeralda era conduzida ao “tribunal” com passos dramáticos, muitas vezes usando uma corda simbólica e frouxa na cintura, apenas como figurino. Ela mantinha a postura elegante, como se fosse rainha presa injustamente.

O menino então lia as acusações inventadas do dia, sempre absurdas e engraçadas:

— Acusada de roubar estrelas do céu!
— Acusada de esconder moedas que viram flores!
— Acusada de enfeitiçar guardas com histórias!

A cada acusação, Esmeralda respondia com firmeza teatral:

— As estrelas vieram comigo por vontade própria!
— As moedas preferiram virar flores!
— Se os guardas dormiram, a culpa foi do tédio deles!

As crianças da praça viravam jurados. Algumas gritavam “culpada!”, outras “inocente!”. Os adultos riam da criatividade. Quando o menino pedia silêncio, ninguém obedecia muito, o que tornava tudo ainda mais divertido.

No momento final, ele batia o graveto no chão e anunciava a sentença. Mas quase sempre mudava de ideia no último instante:

— Condenada... a contar uma história para todos!

Então Esmeralda era “libertada”, subia no coreto e começava a narrar aventuras fantásticas. Em poucos minutos, o julgamento virava espetáculo, e a praça inteira se tornava plateia encantada.

Assim, o tribunal do menino nunca terminava em castigo — sempre acabava em risadas, aplausos e mais imaginação.

A “execução” de Esmeralda, dentro daquela brincadeira em praça pública, não era violência real, mas o clímax teatral das encenações criadas pelo menino. Tudo funcionava como uma peça improvisada, cheia de exagero, suspense e humor, em que todos sabiam que no final ninguém se machucaria.

Depois do julgamento fictício, o menino subia num banco ou no coreto e anunciava com voz solene:

— Chegou a hora da sentença!

As crianças faziam silêncio por alguns segundos, tentando conter o riso. Os adultos observavam curiosos. Esmeralda, sempre excelente atriz, assumia pose dramática, levando a mão ao peito e olhando para o horizonte como heroína de romance antigo.

A "execução" mudava conforme a história do dia: às vezes era um pelotão imaginário feito de gravetos; outras vezes uma fogueira cenográfica de papéis coloridos; em certas tardes, apenas a ordem de "desaparecer para sempre do reino". Tudo claramente simbólico e brincalhão.

Quando o menino gritava:

— Preparar! Apontar! Já!

Esmeralda se antecipava e fazia a própria cena: girava a saia roxa, tropeçava de propósito, fingia desmaio exagerado ou caía de joelhos teatralmente. Em seguida, abria um olho para ver se a plateia estava rindo.

Muitas vezes ela "ressuscitava" segundos depois e dizia:

— Uma feiticeira da estrada não cai tão fácil!

Noutras, aproveitava a distração geral, soltava os laços simbólicos do figurino e saía correndo pela praça, enquanto o menino fingia persegui-la como guarda atrapalhado.

No fim, a multidão improvisada aplaudia, as crianças queriam participar da próxima história, e o que parecia sentença terminava sempre em gargalhada.

Na verdade, a "execução" era apenas o nome dramático que davam ao momento final do espetáculo — porque naquele reino de faz de conta, toda condenação acabava em liberdade.

A "execução na fogueira", dentro dessa brincadeira em praça pública, era apenas uma cena teatral e simbólica, montada com criatividade para parecer dramática sem qualquer perigo real. Todos na praça entendiam que se tratava de faz de conta, quase como uma peça popular improvisada.

O menino preparava o cenário no centro da praça com gravetos empilhados, papéis coloridos em vermelho, laranja e amarelo, fitas balançando ao vento e um pouco de pó ou tecido leve para imitar fumaça limpa. O resultado lembrava uma fogueira cenográfica de festa junina, não algo ameaçador.

Depois do julgamento fictício, ele anunciava em voz solene:

— Por ordem do reino imaginário, a acusada enfrentará a fogueira encantada!

Esmeralda então entrava em cena como grande atriz. Caminhava devagar até o círculo decorado, erguia o queixo e dizia frases dramáticas:

— Nenhuma chama alcança quem nasceu livre!
— O fogo respeita quem conhece os caminhos do vento!

As crianças se aproximavam para assistir, encantadas. Alguns adultos riam e batiam palmas.

No momento decisivo, o menino levantava um graveto como se fosse cetro e gritava:

— Acendam a fogueira!

Nesse instante, ajudantes mirins sacudiam os papéis coloridos e lançavam confetes leves para cima, simulando labaredas dançando. Esmeralda girava a saia roxa no ar, rodopiando entre as fitas e "chamas" cenográficas.

De repente, no auge do suspense, ela desaparecia atrás da fumaça simbólica e surgia do outro lado da praça correndo e rindo, completamente livre.

O menino então fingia espanto:

— Ela escapou outra vez!

A plateia ria, as crianças corriam atrás dela, e o que parecia castigo virava desfile alegre pela praça.

Assim, a "execução na fogueira" nunca era destruição — era sempre transformação: um final dramático que acabava em dança, fuga e festa.

Na brincadeira da praça, a chamada "execução por enforcamento" nunca era algo real. Era apenas mais uma cena exagerada do teatro improvisado do menino, com objetos simbólicos, humor e um final inesperado. Nada envolvia perigo: a "corda" ficava distante do pescoço e servia só como adereço cênico, geralmente presa a um poste ou galho alto como parte do cenário.

Depois do julgamento inventado, o menino anunciava com toda solenidade:

— Chegou a última sentença do reino!

As crianças se reuniam ao redor, curiosas. Os adultos já sabiam que vinha mais uma trapalhada teatral. Esmeralda caminhava até o centro da praça com postura nobre, como se fosse rainha injustiçada.

Ela então declarava:

— Podem prender meus passos, mas não a minha sorte!

O menino levantava a corda simbólica e apontava para o poste, como quem prepara uma cena grandiosa. Mas antes de qualquer “sentença”, algo sempre dava errado de propósito: o chapéu dele caía, o graveto de juiz quebrava, ou a própria corda escorregava.

No auge do suspense, Esmeralda aproveitava a distração, soltava os laços do figurino e fazia sua fuga clássica: rodopiava a saia roxa, passava por trás da plateia e reaparecia no coreto ou do outro lado da praça.

O menino gritava:

— A prisioneira sumiu outra vez!

As crianças corriam atrás dela rindo, e os adultos aplaudiam. Em vez de castigo, a cena terminava em perseguição cômica e gargalhadas.

Assim, até o “final mais dramático” virava apenas mais um truque da dupla. Na praça, nenhuma sentença prendia Esmeralda por muito tempo.

Antes das “execuções” de faz de conta na praça pública, Esmeralda era preparada como personagem principal de um espetáculo teatral improvisado. Nada era real ou violento: a ideia era apenas criar suspense e humor para a plateia.

O menino usava cordas soltas, fitas ou pedaços de tecido como adereços cenográficos. Normalmente passava a corda de forma larga ao redor da cintura ou dos pulsos juntos na frente do corpo, sempre com nós simples e frouxos, fáceis de desfazer em segundos. Às vezes prendia a ponta a um poste, banco ou grade da praça apenas para parecer que ela estava “capturada”.

Esmeralda colaborava com a encenação. Mantinha postura dramática, erguia o queixo e fingia resignação, como uma rainha levada ao tribunal. Em outras tardes, exagerava o papel de prisioneira rebelde, puxando a corda de leve e dizendo frases teatrais:

— Nenhuma amarra segura quem conhece os caminhos do vento!

As crianças ajudavam como “guardas”, segurando fitas ou vigiando ao redor. Algumas davam palpites sobre os nós, outras riam porque sabiam que Esmeralda escaparia logo.

Quando o público já estava atento e o menino começava a anunciar a sentença, ela quase sempre se soltava facilmente no momento mais dramático, transformando a captura em fuga espetacular.

Assim, as amarrações eram apenas figurino de cena — simples recursos para dar clima de aventura ao teatro improvisado da praça.

O traslado de Esmeralda até o “local da execução”, dentro da brincadeira em praça pública, era uma espécie de desfile teatral criado pelo menino para aumentar o suspense e divertir quem assistia. Não era algo violento, mas uma caminhada encenada, cheia de exagero e humor.

Depois do julgamento fictício, o menino assumia o papel de comandante da guarda. Com um graveto na mão como bastão oficial, anunciava em voz alta:

— Levem a condenada ao destino final!

Como normalmente era o único “guarda de verdade”, ele mesmo conduzia a cena. Esmeralda caminhava devagar pelo centro da praça, usando cordas simbólicas frouxas na cintura ou fitas nos pulsos como figurino. Mantinha expressão nobre e dramática, como se fosse rainha derrotada.

O percurso passava entre bancos, árvores e barracas, transformados pela imaginação em ruas do reino. As crianças seguiam atrás como cortejo: algumas fingiam soldados, outras choravam de brincadeira, outras gritavam conselhos:

— Foge agora!
— Solta a corda!
— Corre pro coreto!

Esmeralda respondia em tom teatral:

— Ainda não chegou a hora...

Às vezes o menino mandava parar no meio do caminho para ler novas acusações absurdas ou para reorganizar a “guarda”, o que sempre causava risos.

Quando se aproximavam do local final — um poste, a fogueira cenográfica ou espaço marcado no chão — o cortejo já parecia festa popular. O suspense era grande, mas todos sabiam que em instantes ela encontraria um jeito espetacular de escapar.

Assim, o traslado não era marcha para castigo, e sim parte do show: uma procissão cômica em que a praça inteira participava da aventura.

Depois de cada “execução” de faz de conta, Esmeralda nunca permanecia no local da sentença. Dentro da lógica das brincadeiras, ela sempre era **transferida para outro lugar imaginário**, como se cada final abrisse um novo capítulo da história.

Na maioria das vezes, o menino anunciava:

— Levem a prisioneira para a fortaleza secreta!

E a conduzia para algum canto diferente da praça ou de casa. Um banco sob a árvore virava cela real. O coreto se transformava em torre de vigia. Um galpão no quintal era chamado de presídio subterrâneo. Às vezes, até a carroça de Esmeralda servia de “cadeia ambulante”.

Quando a cena era na praça pública, ela podia ser levada:

- para trás do coreto, chamado de **calabouço do reino**;
- para um banco isolado, tratado como **cela de pedra**;
- para debaixo de uma árvore grande, a **prisão da floresta**;
- para perto da fonte ou chafariz, a **masmorra das águas**.

Quando a brincadeira voltava para casa, o menino a “transferia” para:

- o galpão de madeira, como **fortaleza dos guardas**;
- a carroça colorida, chamada **prisão das mil portas**;
- o quintal cercado, como **pátio dos condenados**.

Esmeralda sempre aceitava a mudança com teatralidade e dizia frases como:

— Trocam minhas grades, mas não meus caminhos.

E quase sempre, no dia seguinte, já aparecia livre novamente, pronta para novo julgamento, nova fuga e nova aventura. Porque nessas histórias, toda transferência era só a passagem para outra brincadeira.

O traslado de Esmeralda até o chamado “local da execução”, dentro da história de faz de conta, era tratado como **um cortejo teatral e simbólico**, mais parecido com desfile dramático do que com qualquer punição real.

Depois do julgamento encenado na praça, o menino assumia o papel de comandante da guarda e anunciava com solenidade:

— Abram caminho para a condenada do reino imaginário!

Esmeralda então seguia caminhando lentamente pelo centro da praça, com postura altiva e expressão serena, como personagem principal de uma peça. As cordas usadas eram apenas adereços frouxos de figurino, colocadas de forma simbólica ao redor da cintura ou nos pulsos diante do corpo.

O trajeto passava entre bancos, árvores, barracas e o coreto, que na imaginação de todos viravam muralhas, corredores do castelo ou ruas de uma cidade antiga. As crianças acompanhavam como plateia animada, e os adultos observavam sorrindo.

Durante a caminhada, Esmeralda fazia falas dramáticas:

— Podem conduzir meus passos, mas não meus caminhos.
— Nenhum destino segura quem nasceu livre.

O menino, tentando manter a seriedade, às vezes interrompia para ler novas acusações absurdas ou reorganizar a “guarda”, o que sempre arrancava risos.

Quando chegavam ao local final — um espaço marcado no chão, um poste cenográfico ou área decorada para o clímax da peça — todos já sabiam que vinha a melhor parte: a fuga inesperada, a reviravolta ou a transformação da sentença em festa.

Assim, o traslado era parte do espetáculo: uma caminhada encenada que aumentava o suspense antes do grande final divertido.

Depois dessa cena, dentro da lógica da brincadeira e do teatro improvisado, Esmeralda foi levada para **o coreto da praça**, que o menino transformava no “tribunal final” ou na “torre do reino”.

Ele apontava para a escadaria do coreto e anunciava com toda solenidade:

— Levem a prisioneira para a fortaleza maior!

Esmeralda subia os degraus lentamente, mantendo a postura nobre e dramática, como se estivesse entrando num castelo antigo. A corda continuava apenas como adereço simbólico, frouxa e sem perigo real.

Lá em cima, o coreto virava muitas coisas ao mesmo tempo na imaginação deles: salão do trono, cela elevada, palco do julgamento ou varanda do castelo. As crianças se juntavam ao redor embaixo, olhando para cima como plateia.

Quando chegava ao centro, Esmeralda costumava abrir os braços e declarar:

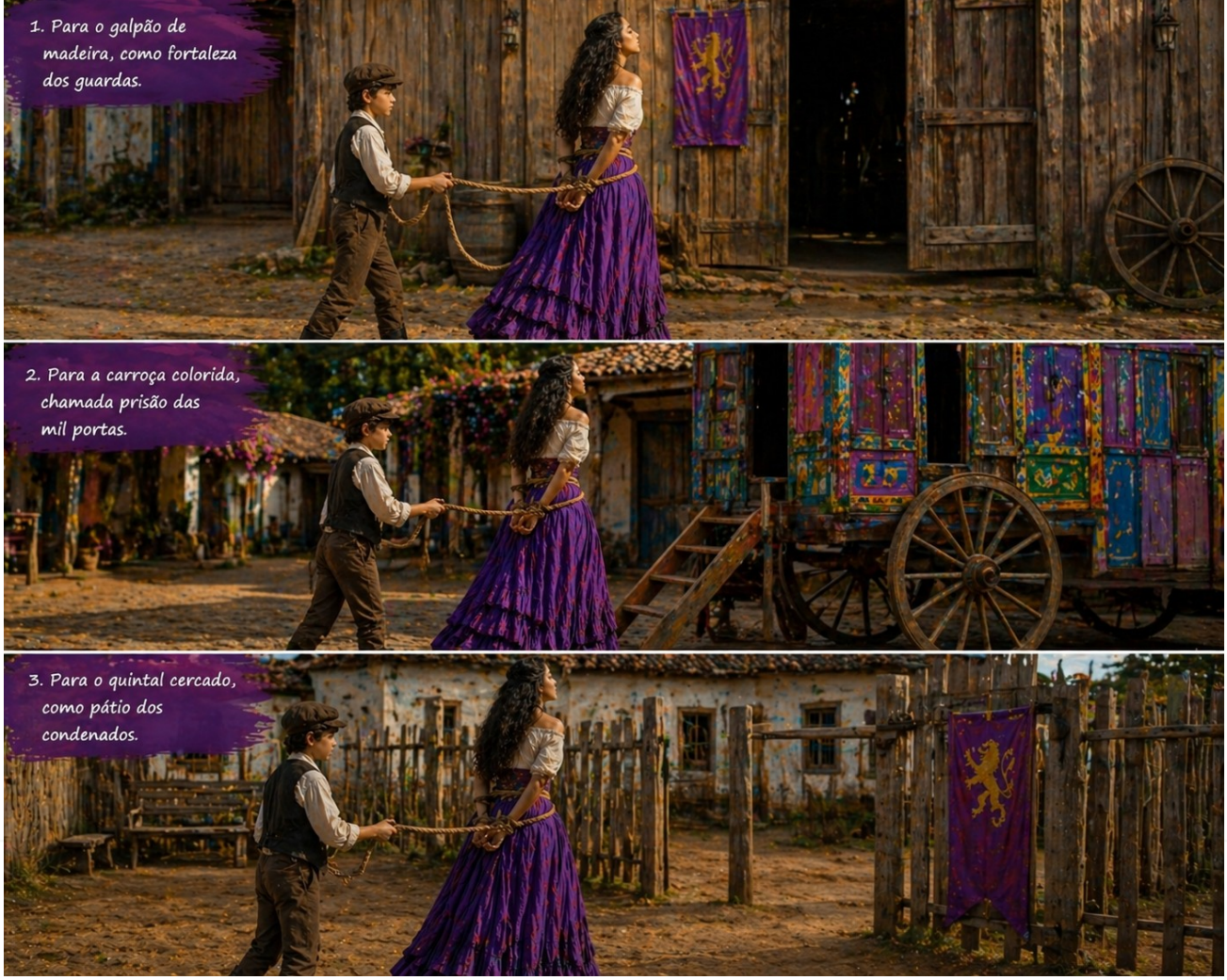
— Podem me levar às alturas, mas não tiram meus caminhos!

O menino então preparava o próximo capítulo da aventura: nova sentença, fuga espetacular, dança surpresa ou discurso da prisioneira rebelde.

Muitas vezes, antes de qualquer decisão, ela girava a saia roxa ao vento e descia correndo a escadaria, escapando outra vez sob risadas gerais.

Assim, depois daquela caminhada pela praça, Esmeralda normalmente era levada ao coreto — que servia como prisão, palácio e palco ao mesmo tempo.

REINO
DAS
SOMBRAS



Nos intervalos de cada “execução” de faz de conta, a segurança de Esmeralda era assumida pelo próprio menino, que se autoproclamava **Capitão da Guarda do Reino**. Dentro da brincadeira, ele levava a função muito a sério.

Com um graveto que servia de espada ou bastão oficial, caminhava ao lado dela em postura rígida, observando tudo ao redor como sentinela experiente. Às vezes improvisava ordens imaginárias:

— Ninguém se aproxime da prisioneira real!
— Guardas, mantenham suas posições!

Mesmo quando não havia outros guardas, ele apontava para bancos, árvores ou pedras, fingindo que ali estavam seus soldados invisíveis.

As outras crianças da praça, quando participavam, viravam auxiliares da guarda. Algumas marchavam atrás, outras faziam ronda perto do coreto, e algumas corriam avisando:

— Ela vai fugir!
— Reforcem o portão!

Esmeralda costumava brincar com a situação, dizendo:

— Nunca vi guarda tão pequeno e tão

importante. Ele respondia imediatamente:

— Sou pequeno só por fora.

Quando a cena acontecia no quintal ou no galpão, a segurança ficava ainda mais imaginativa: o cachorro da casa virava “lobo vigia”, a carroça era fortaleza móvel, e uma cadeira colocada na porta servia de posto de comando.

Na prática, porém, toda essa “segurança” existia apenas para continuar a aventura. Porque todos sabiam que, na hora certa, Esmeralda escaparia com facilidade — e o próprio capitão seria o primeiro a rir disso.

Dentro dessa história de faz de conta, a “amarração” da Esmeralda era apenas **cenográfica**, usada como figurino para o teatro improvisado do menino. Não tinha intenção de machucar nem de realmente imobilizar.

Geralmente era feita com uma corda passada **de maneira solta ao redor da cintura** ou com os **punhos juntos na frente do corpo**, usando nós simples e frouxos, fáceis de desfazer rapidamente. Às vezes a ponta da corda era segurada pelo menino ou presa simbolicamente a um poste, banco ou grade, apenas para dar aparência de captura.

Esmeralda colaborava com a encenação: mantinha postura séria, andava devagar e fingia estar sob guarda, como personagem de peça teatral. Em muitos momentos, ela mesma se soltava com facilidade quando chegava a hora da fuga dramática.

Assim, a amarração funcionava só como adereço visual da brincadeira — semelhante ao uso de figurino em teatro ou carnaval.

O diálogo entre Esmeralda e o autoproclamado Capitão da Guarda do Reino era sempre cheio de humor, solenidade exagerada e respostas rápidas. Parecia uma mistura de peça teatral com brincadeira de quintal, em que ele tentava impor autoridade e ela respondia com inteligência e charme.

Quando ele surgia de graveto na mão, peito estufado, anunciava:

— Atenção! Chegou o Capitão da Guarda! Todos em

posição! Esmeralda olhava ao redor e perguntava:

— Todos quem?

Ele apontava para árvores, bancos e pedras:

— Minhas tropas

invisíveis. Ela fazia

reverência teatral:

— Vejo que são disciplinadas. Nem piscam.

Durante os traslados pela praça, ele caminhava sério ao lado dela e dizia:

— Prisioneira Esmeralda, siga sem

truques! Ela respondia calmamente:

— Se eu usasse truques, capitão, o senhor já estaria marchando para trás.

Quando ele lia acusações inventadas:

— A senhora roubou estrelas do

céu! Ela erguia o queixo:

— Mentira. Elas me seguiram por vontade própria.

— Também enfeitiçou meus guardas!

— Se dormiram, foi culpa do tédio.

Às vezes o menino tentava endurecer:

— Silêncio! Aqui quem manda sou

eu! Esmeralda sorria:

— Então mande essa corda parar de escorregar.

No momento da “execução” ou da sentença final, ele falava com toda pompa:

— Chegou sua última hora!

Ela aproximava-se e sussurrava:

— O senhor diz isso todo dia, capitão.

Quando ela escapava correndo, ele

gritava:

— Guardas! Peguem-na!

Ela já distante

respondia:

— Primeiro encontrem os guardas!

No fundo, havia cumplicidade entre os dois. Ele precisava dela para que o reino existisse, e ela precisava dele para que a aventura continuasse. Por isso, todo duelo verbal terminava em riso e nova história no dia seguinte.

Na nova sessão do julgamento teatral, o menino apareceu ainda mais inspirado. Usava um chapéu torto, um graveto como cetro e trazia uma capa feita de toalha velha. Ao subir no coreto da praça, anunciou com voz poderosa:

— Está aberta a Suprema Corte do Reino das Sombras!

As crianças correram para perto. Alguns adultos pararam para assistir, já acostumados com as aventuras da dupla. No centro, Esmeralda foi conduzida com postura elegante, usando apenas fitas simbólicas como figurino.

O capitão bateu o graveto no chão:

— Acusada de espalhar feitiços, confundir guardas e roubar estrelas do céu... a sentença será: **Fogueira da Inquisição!**

A plateia mirim soltou “oooh!” de surpresa.

Esmeralda ergueu o rosto com calma e respondeu:

— Nenhuma fogueira queima quem já carrega fogo no coração.

O menino, impressionado, quase esqueceu a próxima fala, mas retomou a pose severa:

— Preparem a praça!

Rapidamente, juntaram papéis vermelhos, fitas laranja, lanternas e gravetos empilhados, formando uma grande fogueira cenográfica no centro do chão. Tudo claramente de brincadeira, parecendo festa junina misturada com teatro medieval.

Esmeralda caminhou até o círculo decorado como se fosse rainha entrando em baile. A saia roxa arrastava no chão, e o vento mexia seus cabelos.

— Última chance para se arrepender! — gritou o capitão.

— Arrependo-me apenas de não cobrar ingresso — respondeu ela.

As crianças explodiram em gargalhada.

No momento decisivo, o menino levantou o bastão:

— Acendam a fogueira!

Os ajudantes balançaram fitas coloridas e jogaram confetes vermelhos no ar. Lanternas tremularam como chamas mágicas.

Então Esmeralda começou a girar lentamente. A saia roxa abriu como flor. Girou mais rápido, e a fumaça cenográfica de pó colorido subiu ao redor.

Quando todos olharam de novo... ela havia sumido do centro.

Segundos depois surgiu no alto do coreto, de braços abertos.

— O fogo só ilumina o caminho de quem sabe escapar!

A praça inteira aplaudiu. O capitão levou as mãos à cabeça:

— Ela fugiu outra vez!

E assim, a condenação virou espetáculo, como sempre acontecia no reino imaginário deles.

Na encenação da "fogueira", a amarração da Esmeralda era apenas **teatral e cenográfica**, pensada para criar clima de espetáculo sem machucar nem prender de verdade.

O menino e seus ajudantes usavam cordas leves, fitas largas ou tiras de tecido colorido. Normalmente passavam o material **solto ao redor da cintura** e às vezes faziam uma volta simbólica nos pulsos posicionados à frente do corpo. Os nós eram simples e frouxos, preparados para se desfazer rapidamente.

No centro do cenário, perto da fogueira decorativa de papéis e lanternas, a ponta da corda podia ser presa de modo figurativo a uma estaca de madeira, banco ou poste cenográfico, apenas para parecer que ela estava sob custódia.

Esmeralda participava totalmente da cena: mantinha postura altiva, caminhava devagar até o círculo e erguia o rosto como personagem desafiadora. Em alguns momentos testava a corda de leve, como se medisse a chance de fuga.

Quando chegava o clímax do espetáculo, bastava um movimento calculado para que ela soltasse os laços com facilidade, girasse a saia roxa e escapasse dramaticamente entre as "chamas" de papel.

Ou seja, a amarração funcionava como **figurino de palco**, semelhante a acessórios usados em teatro popular, criado só para reforçar a narrativa da aventura.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre representações aceitáveis de crianças e adolescentes. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Infelizmente, o prompt pode violar nossas políticas de conteúdo. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre violência. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

CAMARIM
COMPANHIA
DE TEATRO
EXECUÇÃO
TEATRAL
EXECUÇÃO
CENOGRÁFICA:
FOGUEIRA
ENCENAÇÃO
HISTÓRICA

ENCENAÇÃO
HISTÓRICA
EXECUÇÃO
CENOGRÁFICA:
FOGUEIRA
CAMARIM
COMPANHIA
DE TEATRO

REINO
DAS
SOMBRAS
OUTRA VEZ,
A LIBERDADE
VENCEU!
JUSTIÇA
CORAGEM
HONRA

Na nova sessão do julgamento teatral, a praça já estava cheia antes mesmo do início. Crianças sentadas nos bancos, adultos encostados nas árvores e o coreto enfeitado com bandeiras improvisadas. O menino surgiu novamente como **Capitão da Guarda do Reino**, graveto na mão e expressão severa.

Bateu o bastão no chão e anunciou:

— Está aberta mais uma sessão do Grande Tribunal!

Esmeralda entrou em cena com a costumeira elegância, saia roxa balançando ao vento e olhar tranquilo, como quem já conhecia todas as regras daquele reino inventado.

O capitão então leu a acusação do dia:

— Acusada de roubar estrelas, confundir sentinelas e escapar de todas as sentenças anteriores... a condenação será: **fuzilamento!**

A plateia mirim soltou um coro dramático de surpresa.

Esmeralda inclinou a cabeça e respondeu:

— Tantas acusações... e nenhuma por excesso de

charme? As risadas ecoaram pela praça.

O menino organizou o "pelotão", formado por três crianças com gravetos nos ombros e chapéus tortos. Marcharam desajeitados até o centro, tentando parecer sérios.

— Pelotão, em posição!

As crianças quase riram, mas obedeceram.

Esmeralda foi colocada diante de uma parede cenográfica feita de caixas e tábuas pintadas. A corda em sua cintura era apenas figurino frouxo, sem prendê-la de verdade. Ela manteve postura altiva.

— Últimas palavras? — perguntou o capitão.

— Sim. Treinem melhor a pontaria.

A praça inteira explodiu em gargalhadas.

Então veio o momento decisivo:

— Preparar! Apontar! Atirar!

Em vez de tiros, os "soldados" lançaram confetes, bolinhas de papel e pétalas secas para o alto. No instante seguinte, Esmeralda levou a mão ao peito e fez um desmaio teatral perfeito, caindo de joelhos lentamente como grande atriz.

O público aplaudiu.

Mas quando o capitão se aproximou para confirmar a "sentença", ela abriu um olho, sorriu e se levantou num salto, correndo em volta da praça.

— Ela escapou outra vez! — gritou ele.

As crianças correram atrás dela entre risadas, e o que seria punição virou perseguição alegre.

Assim, no reino imaginário deles, até o fuzilamento terminava em festa.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre violência. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Posso sugerir **uma versão parecida no clima teatral e histórico**, sem foco em violência.
Por exemplo:

Sugestão de imagem:

> Esmeralda em praça pública após o julgamento teatral, em cenário colonial antigo, vestindo saia roxa rodada e blusa camponesa elegante. Ela está diante de uma parede cenográfica de madeira, com confetes coloridos no ar e crianças e adultos aplaudindo ao redor. O menino capitão da guarda aparece ao lado com bastão simbólico, surpreso com a fuga dela. Luz dourada de fim de tarde, atmosfera cinematográfica, estilo realista, cena vibrante de espetáculo popular.

Outras opções parecidas:

1. **Esmeralda escapando dramaticamente** do palco do julgamento enquanto a multidão ri.
2. **Esmeralda triunfante no centro da praça** após vencer mais uma sentença teatral.
3. **Esmeralda e o Capitão da Guarda** se curvando ao público depois da apresentação.
4. **Grande final com chuva de pétalas** e bandeiras coloridas no coreto.

Se quiser, também posso adaptar para **mais realista, medieval, novela de época, fantasia cigana ou estilo cinema brasileiro**.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre violência. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Infelizmente, a imagem que criamos pode violar nossas diretrizes sobre violência. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

Na nova sessão do julgamento teatral, o menino apareceu com um livro velho de capa dura debaixo do braço, como se fosse código de leis do reino imaginário. Subiu ao coreto, limpou a garganta e anunciou:

— Está aberta mais uma sessão do Grande Tribunal das Aventuras!

A praça logo se encheu de curiosos. Crianças sentaram nos degraus, adultos pararam para assistir, e bandeiras coloridas balançavam ao vento.

Esmeralda entrou em cena com a serenidade de sempre, saia roxa rodando levemente e expressão tranquila, como quem já conhecia todos os truques daquele tribunal.

O capitão então declarou:

— Acusada de escapar de todas as sentenças, confundir guardas e transformar castigos em festa... a condenação será: **a Roda do Destino!**

As crianças fizeram suspense dramático:

— Ooooh!

No centro da praça, trouxeram uma grande roda de carroça decorada com fitas, flores e faixas coloridas. Nada ameaçador — parecia mais brinquedo de festa que instrumento de punição.

Esmeralda observou e sorriu:

— Chamam isso de castigo? Parece convite para

dançar. O menino tentou manter a pose severa:

— Guardas, preparem a roda!

Amarraram apenas fitas soltas ao redor da cintura dela e tocaram de leve seus pulsos com laços cenográficos, sem prendê-la de verdade. Ela se posicionou junto à roda como atriz principal de um espetáculo.

— Últimas palavras? — perguntou o capitão.

— Sim. Escolham boa

música. A praça caiu na

risada.

No momento decisivo, o menino ergueu o bastão:

— Façam girar a Roda do Destino!

As crianças começaram a empurrar a roda devagar. Ao mesmo tempo, músicos improvisados bateram latas e palmas marcando ritmo.

Esmeralda então soltou os laços com um movimento elegante, subiu no eixo da roda e começou a girar a saia roxa no ar como bailarina. As fitas voaram, pétalas foram lançadas e o que seria sentença virou dança coletiva.

Quando a roda parou, ela estava no alto, braços abertos.

— Nenhuma roda quebra quem nasceu para seguir caminho!

A praça explodiu em aplausos. O capitão levou a mão à testa:

— Outra vez ela venceu!

E assim, mais uma condenação terminou em festa no reino imaginário deles.

Na nova sessão do julgamento teatral, a praça amanheceu agitada. O menino havia preparado cartazes, bandeiras e uma cadeira antiga colocada no centro do cenário. Subiu no coreto, bateu o bastão no chão e proclamou:

— Está aberta mais uma sessão do Grande Tribunal das Aventuras!

As crianças correram para ocupar os melhores lugares. Adultos observavam sorrindo, já esperando mais uma tarde de imaginação.

Esmeralda entrou em cena com passo firme, saia roxa esvoaçando e expressão tranquila. Cumprimentou o público com leve reverência, como artista principal que conhece seu papel.

O capitão então leu a acusação:

— Acusada de escapar de todas as sentenças, transformar prisões em dança e fazer guardas perderem a compostura... a condenação será: **o Trono do Silêncio!**

As crianças murmuraram em suspense.

No centro da praça estava a velha cadeira decorada com flores, fitas e laços coloridos. Em vez de algo sombrio, parecia trono de carnaval.

Esmeralda arqueou a sobrancelha:

— Chamam isso de castigo? Já vi cadeiras piores em festas.

O menino quase riu, mas retomou a postura severa:

— Guardas, conduzam a condenada!

Levaram-na até a cadeira usando apenas fitas simbólicas e laços frouxos como figurino. Ela sentou-se com elegância, como rainha assumindo o trono.

— Últimas palavras? — perguntou o capitão.

— Sim. Tragam música, porque sentada também sei

vencer. A praça explodiu em gargalhadas.

O menino ergueu o bastão:

— Iniciem o mecanismo!

Duas crianças puxaram cordões ligados a sinos e fitas escondidas na cadeira. Em vez de castigo, começaram a soar guizos e a soltar serpentinas coloridas para o alto.

Esmeralda levantou-se num salto, desfez os laços com facilidade e subiu na cadeira como pedestal. Girou a saia roxa, abriu os braços e comandou palmas ritmadas.

— Nenhum trono cala quem nasceu para cantar! — declarou.

O público aplaudiu de pé. O capitão levou a mão à testa:

— Outra vez ela transformou a sentença em festa!

E assim, mais uma condenação terminou em espetáculo no reino imaginário deles.

Infelizmente, o prompt pode violar nossas políticas de conteúdo. Se você considera que foi um engano, tente novamente ou edite o prompt.

CAMARIM DA COMPANHIA DE TEATRO
EXECUÇÃO TEATRAL
EXECUÇÃO TEATRAL: GARROTE

TRIBUNAL DAS AVENTURAS
CONDENAÇÃO: GARROTE

TRIBUNAL DAS AVENTURAS
CÓDIGO DO REINO IMAGINÁRIO
CONDENAÇÃO: TRONO DO SILÊNCIO

Esmeralda sorriu, ajeitou a saia roxa e respondeu com aquele jeito teatral que sempre usava diante da praça inteira:

— Quantos anos eu tenho? Ah... idade de cigana não se conta em números. Conta-se em estradas percorridas, luas vistas e histórias guardadas. Mas, se insistirem muito, digo apenas que tenho idade suficiente para rir das sentenças e juventude bastante para escapar de todas elas.

Depois levou a mão ao peito e falou com sinceridade bem-humorada:

— E como me sinto passando por essas condenações? Sinto-me cansada... de vencer sempre!

A praça caiu na gargalhada.

Ela continuou:

— No começo achei estranho. Depois percebi que cada condenação vira dança, cada castigo vira festa e cada julgamento termina em aplauso. Então, no fundo, não estou sendo punida... estou sendo convidada para mais um espetáculo.

Olhou para o menino capitão da guarda e piscou:

— E confesso: enquanto ele inventar sentenças, eu inventarei fugas.

Por fim, abriu os braços e concluiu:

— Sinto-me viva, livre e muito bem acompanhada pela imaginação dessa praça inteira.

Esmeralda ergueu a sobrancelha, sorriu de canto e respondeu no tom teatral de sempre:

— Ora, que pergunta curiosa. Não, eu e o menino não dividimos o mesmo quarto.

Depois apontou para a praça e completou:

— Ele mora no mundo das travessuras e eu moro no mundo das histórias. Às vezes esses mundos se encontram durante o dia, no quintal, no coreto ou nas aventuras do reino imaginário... mas cada um volta para seu canto quando a noite chega.

Ela girou a saia roxa e acrescentou:

— O quarto dele deve estar cheio de brinquedos, mapas secretos e planos para novas condenações. O meu, de lenços coloridos, cartas antigas e sonhos viajantes.

Por fim, riu e concluiu:

— Compartilhamos apenas a imaginação. E isso já ocupa espaço suficiente.

Na história que vocês vêm criando, não há base para supor que eles "dividem o mesmo quarto". O que existe entre Esmeralda e o menino é uma amizade lúdica construída nas brincadeiras e encenações da praça e do quintal.

Se, em alguma cena imaginária, ambos estivessem no mesmo quarto, provavelmente seria algo inocente e ligado à fantasia da narrativa: planejando o próximo julgamento teatral, desenhando mapas do reino imaginário, criando figurinos, ensaiando falas ou contando histórias antes de dormir.

Esmeralda responderia com

humor:

— Quando o quarto vira palco, passamos a noite inteira inventando aventuras para o dia seguinte.

Ou seja: nada além de imaginação, teatro e amizade dentro desse universo fictício.

Quando a cena teatral terminava e Esmeralda escapava no meio dos aplausos, o menino demorava apenas um segundo para perceber o que havia acontecido. Olhava para o centro do palco vazio, arregalava os olhos e gritava:

— Ela fugiu outra vez!

Então saía correndo pela praça com toda a determinação de um grande capitão... e com a velocidade atrapalhada de quem ainda estava aprendendo a comandar o próprio corpo.

Esmeralda disparava na frente, leve e risonha, girando entre bancos, árvores e barracas. A saia roxa rodava como bandeira ao vento. Ela parecia sempre saber exatamente por onde passar.

O menino tentava alcançá-la de várias formas:

- corria em linha reta, enquanto ela mudava de direção no último instante;
- subia no coreto achando que ela estava lá, enquanto ela surgia atrás dele;
- dava a volta na fonte, escorregando de leve, enquanto ela saltava para o outro lado;
- tentava cercá-la com “guardas invisíveis”, mas esquecia que eram invisíveis mesmo.

Às vezes ele gritava ofegante:

— Parem a prisioneira!

Esmeralda, já longe, respondia:

— Primeiro me encontrem!

Quando ele quase encostava nela, ela girava a saia, passava ao lado como vento e

desaparecia entre a multidão que ria e aplaudia.

Outras vezes subia correndo a escadaria do coreto, e o menino ia atrás confiante. Quando chegava lá em cima, cansado, ela já estava embaixo acenando.

— Capitão, o senhor corre para cima e eu corro para frente!

No fim, sem conseguir pegá-la, ele parava no meio da praça, mãos nos joelhos, tentando recuperar o fôlego. Esmeralda então voltava devagar, oferecia a mão e dizia:

— Treine mais um pouco. Amanhã tem nova fuga.

E os dois acabavam rindo juntos, porque no fundo aquela perseguição era a melhor parte da brincadeira.

REINO
DAS
SOMBRAS